

# Apresentação

---

A partir deste número, a *LOCUS*: revista de história passa a contar com o apoio do CNPq. Por serem muitos e diversificados os artigos destinados à *LOCUS*: revista de história, procuramos publicá-los por afinidades temáticas, proporcionando aos leitores uma visão mais rica e crítica dos mesmos.

A história das práticas de leituras em diferentes continentes é o ponto comum a três artigos.

Álvaro de Araujo Antunes interessa-se pelo domínio das letras em Minas Gerais, no período setecentista. O autor percebe níveis diferenciados de afinidade quanto à prática da leitura e da escrita, concluindo pela não-existência de um monopólio no domínio das letras, reconhecendo, contudo, ser este o apanágio de uma minoria da população.

O historiador angolano Carlos Pacheco, lançando mão de uma ampla base documental, aponta como as práticas de leituras estavam presentes em Angola, no século XIX, evidenciando o trânsito de livros e de idéias libertárias do Brasil para aquela antiga colônia portuguesa. Demonstra como brancos, negros e mulatos partilharam indistintamente hábitos de leitura, apesar da ausência de escolas públicas e privadas, além de enfatizar a existência de inúmeras bibliotecas particulares em Luanda, Benguela e Novo Redondo, na primeira metade dos oitocentos.

Já o pesquisador inglês, radicado na Austrália, Martyn Lyons, recupera, a partir da história oral, o universo das práticas de leituras australianas, entre 1890 e 1930. Embasado em entrevistas com 61 depoentes, anciãos da região de Sydney, salienta a tendência de mulheres à desvalorização de sua própria cultura literária e a persistência de práticas de leituras tradicionais.

Dois outros artigos debruçam-se sobre questões metodológicas da pesquisa histórica.

Luciana Teixeira de Andrade discute a utilização de obras literárias pelos cientistas sociais e algumas críticas que lhes são dirigidas. Com tal finalidade, aborda os conceitos de documento e representação, objetivando tornar visível a pouca diferença entre os desafios impostos aos cientistas sociais, oriundos da expressão artística, a literária, por exemplo, e aqueles

presentes na interpretação de outras fontes de pesquisa.

Eliana de Freitas Dutra tece considerações pertinentes aos procedimentos de pesquisa em história oral, propondo ainda alguns referentes teórico-metodológicos para a utilização dos documentos orais.

Dois outros artigos abordam problemas relativos à escravidão.

Ana Maria Mauad analisa as representações sociais de escravos e ex-escravos, no Império. Trabalhando com fotografias de estúdio e anúncios de aluguel e venda de escravos, a pesquisadora estabelece o cruzamento entre fontes verbais e não-verbais, distinguindo os elementos evidenciados pelo branco no tocante ao negro, como também a forma pela qual o próprio negro se permitia ver pela sociedade branca.

Por sua vez, Carlos A. M. de Lima estuda a migração de libertos e homens livres, de cor, no Rio de Janeiro, entre os séculos XVIII e XIX. Enfatiza a inserção dessa parcela da população em processos de povoamento, reforçando o conceito de "campesinato reconstituído".

Os três últimos artigos enfocam temas ligados à história econômica do século XIX.

Os autores Pedro Geraldo Tosi e Rogério Naques Faleiros apontam as motivações políticas responsáveis pelo traçado da ferrovia mogiana, em São Paulo. Arguindo as determinações geográficas, destacam o papel da competição entre capitais privados e a busca de promissoras zonas comerciais, além do próprio fortalecimento do Estado Nacional brasileiro.

Carmen Gloria Bravo estuda a economia chilena, levantando os fatores responsáveis pelo surgimento e rápido colapso das sociedades anônimas, organizadas, entre 1870 e 1878, objetivando a exploração da prata, em Caracoles. A pesquisadora identifica o forte caráter especulativo das operações financeiras envolvidas.

Sônia Maria Souza evidencia a relação entre abastecimento e poder público em Juiz de Fora (Minas Gerais), na segunda metade do século XIX. A autora demonstra o incentivo da Câmara Municipal à diversificação agrícola e à regulamentação do abastecimento, analisando os documentos administrativos e as posturas municipais.

O financiamento do CNPq à *LOCUS*: revista de história revela o nível de maturidade institucional alcançado. Reflete a consolidação de um projeto editorial, bem como de um esforço constante e seriedade na promoção de debates e divulgação da produção historiográfica brasileira.

*Conselho Editorial*